

O Poeta Euclides da Cunha

(Conclusão da pág. 11)

sistir, com o coração amargurado, tôda aquela hedionda crueldade.

Em dezembro de 1902, Euclides publicou "Os Sertões". Enviou alguns exemplares aos críticos da época e aos amigos. Para Lúcio de Mendonça e Coelho Netto escreveu, no retrato que acompanha o livro, alguns versos como dedicatória.

E nesses versos, Euclides expressa tôda a sua alma, grandiosa e inquebrantável, indômita e ao mesmo tempo cheia de doçura. Punha à mostra uma alma de poeta, de sonhador: uma grande alma de sentimental.

Os versos que dedicou a Lúcio de Mendonça, são os seguintes:

"Em falta de um "postkarte", iluminura
Que enquadre do que penso ou sinto a imagem,
Em relêvo, na artística moldura
De um trecho fugitivo de paisagem —

Aí vai, para saudá-lo no remanso
De um lar, onde terá digno aconchêgo,
Este caboclo, êste jagunço manso
— Mixto de celta, de tapúia e grego... —"

E, no livro dedicado a seu amigo Coelho Netto, Euclides burilou os seguintes versos, que bem mostram o íntimo de seu sêr:

"Felizmente
Esta fisionomia,
De onde ressalta a ríspida expressão
Da face de um tapúia, espantadíssimo,
Hás de achá-la belíssima
Porque saberás ver, nitidamente,
Como os raios X de tua fantasia,
O que os outros não vêem: um coração."

x x x

Depois da publicação de "Os Sertões", Euclides, engenheiro que era, aceitou seguir viagem com a Comissão Brasileira do Alto-Purús. Destas viagens, temos os seguintes livros como resultado: "Perú versus Bolívia" e "Contrastes e Confrontos".

Em uma fotografia que os membros da Comissão tiraram, e onde figura Euclides, há um soneto, escrito por Euclides para os seus amigos, e talvez seu último trabalho poético. É o seguinte:

"Se acaso uma alma se fotografasse
De sorte que, nos mesmos negativos,
A mesma luz puzesse em traços vivos
O nosso coração e a nossa face;

E os nossos ideais, e os mais cativos
De nossos sonhos... Se a emoção que nasce
Em nós, também nas chapas se gravasse
Mesmo em ligeiros traços fugitivos;

Amigo! tu terias com certeza
A mais completa e insólita surpresa
Notando — dêste grupo bem ao meio —

Que o mais belo, o mais forte, o mais ardente
Dêstes sujeitos é precisamente
O mais pálido, o mais triste, o mais feio."

x x x

Voltemos, porém, ao Euclides estudante. Aos 14 anos, já compilava um caderno de poesia, a que deu o nome de "Ondas"; isso, em 1883, muito antes de Luiz Murat publicar as suas "Ondas". Nesse caderno, há poesias que são verdadeiros rasgos de gênio; outras, dignas de um poeta principiante: nem boas nem más. Euclides mesmo, encontrando entre seus papéis, em 1906, o caderno de poesias, escreveu no frontispício esta nota:

"14 anos de idade. Observação fundamental para explicar a série de absurdos que há nestas páginas."

Se muitos poetas modernos, autores de verdadeiros e reais absurdos, os quais mesmo a cêsta de lixo sente vergonha em receber, de tão loucos e abusivos à lei da estética literária, reconhecessem que suas poesias são realmente baboseiras disfarçadas em poesia, então, finalmente, teríamos, de novo, poesia de verdade, poesia que merecesse o título de "poesia".

x x x

Ainda adolescente, já mostrava Euclides, em seus escritos, o gênio que tinha em si latente. Após assistir a uma aula de História, na qual o professor falou sobre a Revolução Francêsa de 1793, Euclides apanhou um pedaço de papel e esboçou em verso os perfis de quatro grandes revolucionários: Dantão, Marat, Robespierre e Saint-Just.

São quatro sonetos admiráveis. Eis o que descreve Dantão:

"Parece-me que o vejo iluminado.
Erguendo delirante a grande fronte
— De um povo inteiro o fúlgido horizonte
Cheio de luz, de idéias constelado!...

De seu crâneo vulcão — a rubra lava
Foi que gerou essa sublime aurora
— Noventa e Três e a levantou sonora
Na frente audaz da populaça brava!...

Olhando para a história — um século é a lente
Que mostra-me o seu crâneo resplandente
Do passado através o véu profundo...

Há muito que tombou, mas inquebrável
De sua voz o éco formidável
Estruge ainda na razão do mundo!"

x x x

Termino aqui esta minha palestra, que foi mais um recitativo de poesias de Euclides da Cunha. Não me cabia, porém, outra faceta de seu gênio, que essa da poesia. Admiro imensamente, e em qualquer língua, a grandeza da Poesia. Ela é a alma de um povo. E a poesia euclidiana é bem u'a amostra do povo caboclo, dos jagunços de minha terra natal.

Rica aqui, pois, minha colaboração modesta para a Semana Euclidiana de 1952. Espero que tenha sido compreendido em meu propósito.